

## "De quebrada para quebrada": por uma nova cartografia dos skatistas na metrópole

**Mauricio Bacic Olic**

---



### **Edição electrónica**

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1802>

DOI: 10.4000/pontourbe.1802

ISSN: 1981-3341

### **Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### **Referência eletrónica**

Mauricio Bacic Olic, «"De quebrada para quebrada": por uma nova cartografia dos skatistas na metrópole», *Ponto Urbe* [Online], 3 | 2008, posto online no dia 31 julho 2008, consultado o 29 julho 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1802> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1802>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 29 julho 2022.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0  
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

---

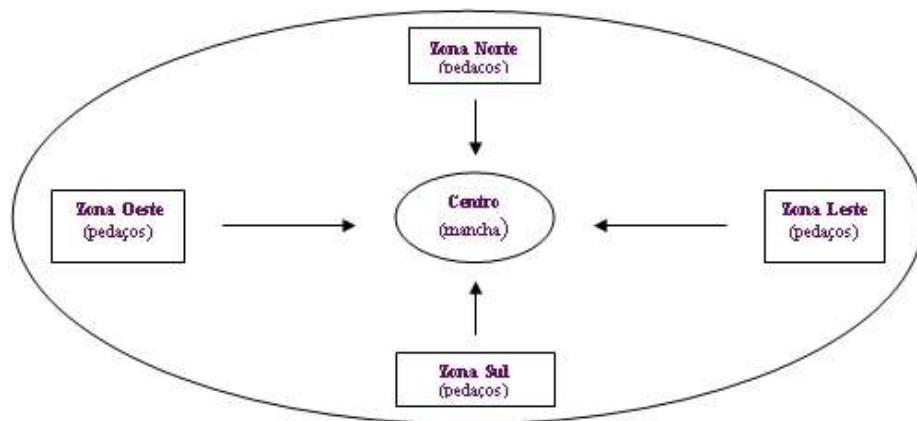
# "De quebrada para quebrada": por uma nova cartografia dos skatistas na metrópole

Mauricio Bacic Olic

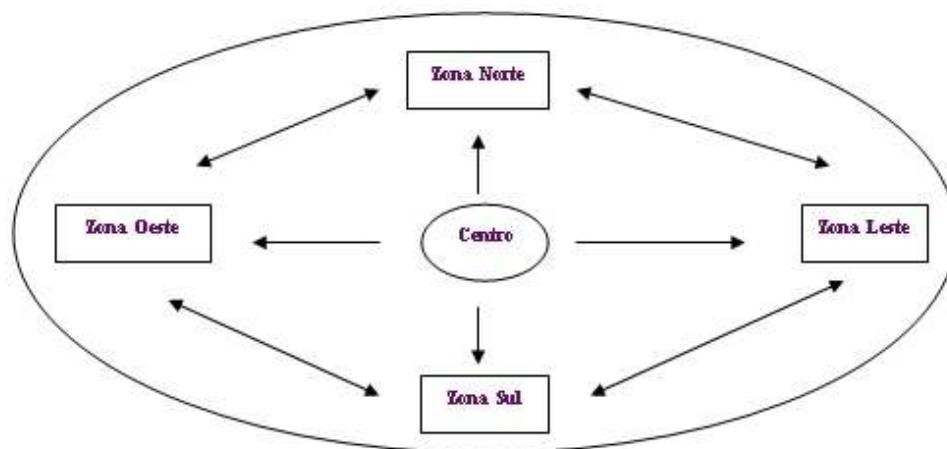
---

As árvores têm linhas rizomáticas, mas o rizoma  
tem pontos de arborecência.  
Gilles Deleuze e Félix Guattari.

## Transformações no “pedaço”



Cartografia 1: "Dos pedaços para a mancha".



Cartografia 2: "De quebrada para quebrada".

<sup>1</sup> Afirmam Gilles Deleuze e Félix Guattari:

[...] sempre que possível o Estado empreende um processo de captura sobre fluxos de toda a sorte, de populações, de mercadorias ou de comércio, de dinheiro ou de capitais etc... Mas são necessários trajetos fixos com direções bem determinadas, que limitem a velocidade, que regulem as circulações, que relativizem o movimento, que mensurem nos detalhes os movimentos relativos dos sujeitos e dos objetos [Deleuze & Guattari, 1997b: p. 59].

<sup>2</sup> A implementação de políticas públicas voltadas à construção de pistas de skate em diferentes pontos da cidade de São Paulo vem produzindo transformações tanto na forma pela qual os skatistas se apropriam do espaço urbano, como nas relações de sociabilidade formadas no “pedaço”. Isto porque o processo de sedentarização destes jovens em seus bairros de origem tem sido rompido por meio da construção dos skateparks, fazendo com que os “trajetos” construídos por eles - no movimento de se “fazer cidade” -, passem a ter uma nova dinâmica, na medida em que a presença de pontos “arborificados” [Deleuze & Guattari, 1995] em sua rede produzem uma nova cartografia urbana.

- <sup>3</sup> Neste sentido, as pistas passam a cumprir um papel que tende a determinar a circulação dos skatistas no meio urbano, como uma espécie de centro gravitacional que leva à formação de uma cartografia onde os pontos passam a compreender as linhas. Logo, isto tem feito com que os skatistas desenvolvam uma nova dinâmica na metrópole, em que a ocupação e a re-significação da arquitetura urbana vêm sendo preteridas por caminhos que levam os skatistas a territórios fixos e determinados para a prática do skate, localizados de forma dispersa pelos bairros mais afastados de São Paulo. Este novo movimento tem feito com que os skatistas passem a construir "circuitos" ao atravessar os diferentes bairros da cidade. A categoria de "circuito" é assim definida por José Guilherme Magnani:

Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de um determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais [...] A noção de circuito também designa um uso do espaço e de equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício de sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos –, porém, de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contigüidade, como ocorre na 'mancha' e no 'pedaço'. Mas tem, igualmente, existência objetiva e observável: pode ser levantado, descrito e localizado [Magnani, 2002: p.23 – 24].

- <sup>4</sup> Este novo "circuito" tem possibilitado que o universo da "mancha" venha a se projetar na dimensão do "pedaço", na medida em que a pista passa a atrair skatistas de "fora da vizinhança" para dentro do bairro. Há de se destacar que pelo fato de estes equipamentos, em sua maioria, estarem localizados em bairros periféricos da capital (nas "quebradas"), permite – assim como acontece com o funk no Rio de Janeiro [Herschmann, 2000: p. 237] – que muitos jovens tenham acesso a periferia na busca por pontos para a prática do skate; mas, para isto ocorrer, é importante que os skatistas estabeleçam alianças fora de seus respectivos "pedaços", mesmo que estas ligações sejam circunstanciais e se esgotem no instante do encontro [Toledo, 1996: p. 111].
- <sup>5</sup> Isto porque, ao contrário da "mancha", que tende a se instalar em territórios mais centrais da cidade – caracterizado por ser um espaço não definido e não delimitado, do qual ninguém é propriamente dono - a esfera do bairro (mesmo com oskatepark), por sua vez, é um espaço marcado por relações mais familiares, próximas, homogêneas e de conhecimento, cuja presença do "estrangeiro" (aquele que é de fora da quebrada) é vista, muitas vezes, com desconfiança por seus moradores.
- <sup>6</sup> Nesta perspectiva, os "pedaços" se transformam em pontos de referência, tanto para os locais como para os de fora, onde a pista passa a representar uma espécie de ágora – "a tekatawa dos Parakanã Orientais" [Fausto, 2001] –, isto é, um espaço de pertencimento e reconhecimento dos skatistas residentes do bairro frente aos outros grupos que passam a adentrar seu território, de modo a criar um "sentimento de localidade" caracterizado por uma "porção de terra a que os 'moradores' têm consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras" [Candido, 2001: p. 84].
- <sup>7</sup> Com isso, os "pedaços" tendem a perder sua "transitoriedade de ocupação" [Magnani, 2002], na medida em que as redes de sociabilidade passam a ser construídas por meio de uma maior sedentarização, ou seja: o skatista passa, agora, a ser identificado em sua dimensão espacial (o skatepark). Desta forma, o "pedaço", ao se incorporar a um "circuito" mais amplo, torna-se mais físico, visível, público e fluido em decorrência da constante presença de skatistas de fora do bairro no espaço da pista.

- 8 No entanto, este processo não implica na diluição da categoria de “pedaço”, mas aponta para as transformações que ela vem sofrendo ao ser inclusa no “círculo” do fluxo do corpo-skatista na cidade em busca de pontos para a prática do skate. Assim, esta categoria continua, ainda, válida para sistematizar segmentos e adensamentos locais do universo de skatistas, pois, mesmo com as transformações ocorridas em detrimento da instalação de uma pista de skate no bairro, o “pedaço” continua mantendo um componente simbólico de identificação e classificação daqueles que são os locais da pista, fazendo com que seja conservada uma previsibilidade e uma unidade do segmento: sabe-se quem anda na pista regularmente, quem são os locais e, como já citado, a existência e o reconhecimento destes locais tornam-se importante para que os skatistas “estrangeiros” possam utilizar a pista com maior segurança. No caso de pistas localizadas em espaços privados, conhecer os locais destes espaços significa também ter acesso a espaços de circulação restrita.
- 9 Logo, este movimento, que tende a levar a um estriamento da sociabilidade do território-corpo para o território-pista, tem feito com que o “pedaço” passe a coexistir dentro de uma espécie de “mundo social” [Velho, 1999], ou seja, o skatista, dentro do seu bairro, ao mesmo tempo em que mantém relações mais estáveis e familiares com seus pares da quebrada, passa também a estar em contato (sem sair do bairro) com o universo mais amplo, heterogêneo e diferenciado do skate.

## Recortes do circuito

- 10 Segundo José Guilherme Magnani [2002: p. 24], a categoria de “círculo” pode alcançar vários níveis de abrangência, o que faz com que dependa do pesquisador delimitar o seu contorno. No caso desta nova cartografia que vem sendo traçada pelos skatistas, em decorrência do grande número de pistas que vem sendo construídas, acaba por fazer com que este “círculo” conte com uma dimensão espacial muito ampla, cuja principal característica de sua ocupação é dada pelo localismo (pista como território) e pela alternância (busca por conhecer novos espaços).
- 11 Neste sentido, no decorrer do trabalho de campo, um “círculo” que me chamou a atenção para um possível recorte, e que tem no Centro Educacional Unificado (CEU) do Butantã um dos seus pontos gravitacionais, consiste no trajeto construído por skatistas cuja preferência é o de andar de skate em pistas que tenham entre seus obstáculos o banks<sup>1</sup>.
- 12 Assim, pude observar que dentro de um “círculo” mais amplo de pistas de *skate* que abrangem pontos que extrapolam o limite da região metropolitana de São Paulo – já que muitos skatistas viajam para o interior e para o litoral em busca de conhecer novas pistas (questão da alternância) -, existe a formação de uma espécie de “sub circuito” específico daqueles skatistas que se dirigem à pista para o uso, em especial, do banks.
- 13 Este obstáculo foi criado no final dos anos de 1970, nos Estados Unidos - inspirado nos formatos de piscinas que passaram a ser apropriadas pelos skatistas na busca por uma inovação na forma de se andar de *skate* -, e que durante os anos de 1980 tornou-se popular e requisitado pelos skatistas, inclusive aqui do Brasil. Entretanto, com o crescimento do *street skate*<sup>2</sup> e com o fechamento de diversos *skateparks*, o banks acabou caindo no ostracismo no decorrer dos anos 1990; mas, atualmente, com a abertura de diversas pistas (a ênfase dada a estas construções visa contemplar uma arquitetura

"híbrida" que misture o *street* com o *vertical*<sup>3</sup>), o *banks* vem sendo "resgatado" por ser um obstáculo que além de possuir diferentes formatos e muitas curvas, também é caracterizado por ser uma espécie de meio termo entre o *street* e o *vertical*, possibilitando que praticantes destas duas modalidades possam utilizá-lo.

- 14 Todavia, não são todas as pistas que possuem este tipo de obstáculo, além de sua localização não ocorrer de forma contígua. Assim, este "circuito - banks" é reconhecido em sua totalidade apenas pelos skatistas que o usam de forma mais sistemática. Isto porque uma diferenciação precisa ser feita entre os skatistas que se dirigem para a pista no intuito de usar o *banks* e aqueles que o utilizam quando estão na pista de uma forma mais esporádica, ou seja, não é exclusivamente este obstáculo que o motiva para ir a determinada pista. É apenas mais um.
- 15 Desta forma, existe um público específico que vai para o *skatepark* para o uso do *banks*. Ao pesquisador com um olhar "de perto e de dentro" [Magnani, 2002] frente aos diferentes skatistas que atravessam este espaço, alguns traços indicam quem são os bankeiros (skatistas que andam em *banks*): o primeiro é a presença de equipamentos (capacetes e joelheiras que, embora não se configurem como uma regra entre seus praticantes, pois muitos skatistas não usam este tipo de equipamento exceto nas pistas onde o seu uso é obrigatório (como é o caso dos *skateparks* de Barueri e de São Bernardo do Campo)-, uma distinção (não absoluta) com relação aos *streeteiros* que, salvo raras exceções, não utilizam nenhum tipo de equipamento de proteção.
- 16 Um segundo traço que os diferencia é o formato do *skate* visto que, ao contrário do *street* que possui rodas pequenas, *trucks*<sup>4</sup> estreitos e *shapes*<sup>5</sup> mais finos – para deixar o *skate* mais leve para a execução das manobras de "borda e de giro" -, os bankeiros, de modo geral, possuem *skates* com rodas maiores, além de *trucks* e *shapes* mais largos, visando não tanto a execução de manobras "técnicas", mas que o *skate* possa ganhar mais velocidade e ter maior estabilidade. É comum, ainda, neste universo de praticantes a crescente presença dos *longboarders*, que são aqueles que possuem *skates* com dimensões maiores (acima de 40 polegadas), cujo formato lembra uma prancha de surfe; sua presença é constante, também, nas ladeiras da cidade, já que muitos *longboarders* são praticantes da modalidade *downhill*<sup>6</sup>.
- 17 Outro elemento importante, que caracteriza os bankeiros, são as técnicas corporais empregadas em sua prática, visto que as linhas<sup>7</sup> no *banks* consistem em movimentos de alta velocidade valendo-se das curvas do obstáculo, manobra esta conhecida como *carving*, em que o skatista executa um movimento que componha um trajeto no obstáculo em forma de "oito". Esta técnica, assim como no *downhill* – e ao contrário do *street* –, possui um movimento que se assemelha às manobras executadas pelos surfistas na onda, onde os corpos buscam se mover com o máximo de agilidade, velocidade e elasticidade, de modo a eliminar ao máximo o impacto e o atrito.
- 18 Esta característica acaba fazendo com que muitos surfistas passem a andar de *skate*, na busca por reproduzir os movimentos executados na onda, mas só que agora no concreto e no asfalto. Por esse motivo, é mais comum encontrar surfistas que estejam na pista para utilizar a área do *banks* do que para praticar o *street* – já que esta modalidade possui movimentos e manobras (por exemplo os *flips*<sup>8</sup>) diferenciadas do surfe.
- 19 O atributo do *banks* de produzir um menor impacto no corpo do skatista proporciona aos de idade mais avançada, ou seja, os *old schools*, usar este obstáculo como forma de

praticar uma “economia dos movimentos”, que tem como objetivo evitar os impactos e os tombos que ocorrem de forma mais sistemática na prática do *street skate*.

- 20 Portanto, entre os skatistas que se locomovem (em grupo ou sozinhos) na cidade – ou para além dela – em busca de pistas que possuam um *banks* para a prática do *skate*, destacam-se os skatistas praticantes do *surf* e – que, valendo-se das características do *banks*, desenvolvem uma técnica corporal específica de andar de *skate* – diferente, por exemplo, dos movimentos executados na mini-rampa que, dentre os diferentes obstáculos, é o que mais se assemelha ao *banks*. Desta forma, embora cada skatista com o qual conversei tenha seu *banks* de preferência, seja por sua localização, seja por seu formato – o que faz com que sua presença seja mais assídua em determinada pista – de modo geral o “circuito - *banks*” possui a seguinte geografia, como aponta o quadro abaixo:

<b>REGIÕES DE SÃO PAULO</b>	<b>PISTAS DE SKATE (PÚBLICAS)</b>	<b>PISTAS DE SKATE (PARTICULARES)</b>
INTERIOR	CAMPINAS.	GUARATINGUETÁ ( <i>ITAGUARA CLUB</i> ).
LITORAL	SÃO SEBASTIÃO, SANTOS E MONQUAGUÁ.	SANTOS (“PISTA DO CHORÃO”).
REGIÃO METROPOLITANA	BARUERI, GUARAREMA E SÃO BERNARDO.	SANTANA DO PARNÁIBA ( <i>ALPHAVILLE</i> ).
CAPITAL	<b>ZONA SUL:</b> CEU CAMPO LIMPO – IMIGRANTES - PARQUE ARARIBA - CIDADE ADEMAR - JARDIM ÂNGELA - SÃO LUIS. <b>ZONA LESTE:</b> CEU VEREDAS, JAMBEIRO E ARICANDUVA - SÃO MIGUEL PAULISTA. <b>ZONA OESTE:</b> CEU BUTANTÃ.	<b>CENTRO:</b> CAMBUCI ( <i>EZSE</i> ). <b>ZONA SUL:</b> JARDIM PRUDÊNCIA ( <i>FIFTY</i> ). <b>ZONA OESTE:</b> PINHEIROS ( <i>CLUBES</i> – ALTO DE PINHEIROS E PINHEIROS E “BANKS DO MELÃO”).

Fonte: pesquisa de campo

- 21 Nesta perspectiva, portanto, tomando como referência a pista do CEU Butantã, os bankeiros que andam ali tendem a freqüentar mais as pistas de Barueri, CEU Campo Limpo, Imigrantes e, caso tenham acesso, as pistas particulares da Zona Oeste. Isto se deve a dois motivos: o primeiro é a localização das pistas que permite uma locomoção mais fácil, sem ter que atravessar toda a cidade para andar de *skate*. Com isso, exceto em semanas que antecedem os campeonatos, não é tão comum, por exemplo, ver um skatista local do CEU Veredas (Itaim Paulista - Zona Leste) fazendo uma *session*<sup>9</sup> no CEU Butantã ou em Barueri.
- 22 Já o segundo motivo deve-se ao fato do tipo (formato) de *banks* que cada pista apresenta, visto que – como no CEU Butantã existe um *banks* “fechado” – o skatista que é local deste espaço, irá buscar se locomover pela cidade (e além dela) em busca de pistas que tenham *banks* com características diferenciadas; como é o caso, por exemplo, do CEU Campo Limpo e da pista da Imigrantes (possuem *banks* “abertos”).

- 23 É importante ressaltar que durante a idealização do projeto da construção das pistas de *skate* nos Centros Educacionais Unificados, uma das reivindicações do arquiteto e skatista George Rotatori – responsável pela elaboração do projeto – foi o de não haver uma padronização no formato das pistas, como era a vontade da prefeitura. Segundo Rotatori, esta uniformização poderia se transformar em uma barreira à evolução técnica dos skatistas, já que não lhes possibilitaria o contato com obstáculos e formatos novos de pista.
- 24 Uma outra leitura que se pode fazer é a de que este projeto de padronização – caso implementado – provavelmente levaria os skatistas a se fecharem mais em seus bairros, haja vista que não valeria a pena circular pela cidade em busca de equipamentos iguais àqueles presentes em suas *quebradas*. O desejo de andar de *skate* em uma pista diferente é um dos principais motivos que fazem os skatistas circularem por espaços mais abrangentes da cidade, fazendo com que eles excedam os limites espaciais do bairro.
- 25 Esta busca por novos tipos de pista é o que faz, também, que, de forma mais esporádica (devida à distância), os skatistas se desloquem por espaços mais amplos e que extrapolam o limite da cidade; como é o caso das incursões às pistas de São Bernardo (região metropolitana) e de São Sebastião (litoral) as quais, que pelo fato de possuírem um “*tri-banks*”, se tornam alvo do desejo dos bankeiros, de maneira que, mesmo com a distância a ser percorrida, a ida até estes locais seja recompensadoras para os praticantes.



Local: CEU Butantã - "Banks fechado" – (Renato Custódio).



Local: CEU Veredas - "Banks interligado com Bowl" – (Cemporcentoskate – divulgação).



Local: CEU Campo Limpo - "Banks aberto com transfer" – (Ivan Cruz).



Local: São Sebastião - "Tri-banks" – (Paulo Bassi).



Local CEU Aricanduva - "Banks com duas semi-cápsulas" – (Renato Custódio).

## Novas formas de transbordamento; ou como verter pelo ponto

"Os Aché Gatu viveram desde então meio nômades meio sedentários: eles continuavam a percorrer os bosques, caçando ou coletando suas provisões, mas acabavam sempre por voltar [...] ao acampamento fixo que o destino lhes havia assinalado em Arroyo Moroti".(Pierre Clastres).

- <sup>26</sup> Como visto, a construção de *skateparks* em diferentes bairros da cidade de São Paulo tem feito com que os diversos “pedaços” dos skatistas passem por uma maior sedentarização e ganhem uma maior dimensão espacial. No entanto, é importante observar dois aspectos que fazem com que o skatista possa, a qualquer momento, se desterritorializar e deslizar novamente por um “espaço liso” [Deleuze & Guattari, 1997b]. O primeiro deles consiste no fato de que a sociabilidade entre os skatistas não se fundamenta primordialmente na defesa do território, como acontece com os estudos clássicos sobre gangues feitas pela “Escola de Chicago” [Pereira, 2005] (embora a questão espacial, dada pela perspectiva do localismo, tenha se tornado um elemento de maior importância com a construção de pistas nas *quebradas*). Isto faz com que seja importante para os skatistas - assim como acontece com os pichadores [Pereira, 2005: p. 64] - sair do bairro e se locomover por diferentes espaços da cidade.
- <sup>27</sup> Um outro fator relevante é que mesmo que os “aparelhos de captura” [Deleuze & Guattari, 1997b] estriem os skatistas em locais pré-determinados para sua prática, o desejo de evasão e de apropriação da arquitetura urbana – que levam à produção de possíveis conflitos - não são eliminados, mas apenas controlados [Rancière, 1996], de modo que, a qualquer instante, na medida em que o skatista busque “tornar-se livre”, isto é, romper a fronteira espacial da pista, ele poderá, se assim o desejar, verter pelo ponto.
- <sup>28</sup> Logo, o processo que leva ao fechamento do skatista em espaços exclusivos para sua prática, não implica de modo algum em um movimento “fatalista” (sem volta) de domesticação. Isto porque, mesmo quando o skatista encontra-se estriado na pista, “sem se movimentar”, ele pode manter sua trajetória sem sair do lugar, praticar um nomadismo sem se mover, na medida em que se recusa a abandonar o “espaço liso” (em sua dimensão individual), ao buscar superar-se a si mesmo. Nesta perspectiva, a captura do skatista pode produzir resultados inesperados, pois como apontam Gilles Deleuze e Félix Guattari:
- [...] eis que esse empreendimento (a construção de *skateparks* pelo poder público) desemboca no resultado mais inesperado: a multiplicação dos movimentos relativos, a intensificação das velocidades relativas no espaço estriado, acaba reconstruindo um espaço liso ou um movimento absoluto [...] o Estado não só relativiza o movimento, mas torna a produzir movimento absoluto [...] torna a produzir o liso ao final do estriado [Deleuze & Guattari, 1997b: p. 61].
- <sup>29</sup> Com isso, a pista de *skate* apresenta uma certa ambigüidade, na medida em que permite ao skatista aumentar sua potência enquanto performance em cima do “carrinho”, haja vista que “todo progresso se faz por e no espaço estriado” [Deleuze & Guattari, 1997b: p. 195]. Mas, por outro lado, a segurança e a comodidade que a pista produz podem levar a uma certa impotência do skatista, no sentido de deslizar por um “espaço liso” que produza diferentes formas de ocupação do espaço urbano. No entanto, o skatista sente a necessidade de transbordar o “espaço estriado”, sente um desassossego para que possa criar e produzir novas intensidades, riscos e desafios (aprender novas manobras), além de que ele busca compartilhar seus excessos, isto é, mostrar suas manobras, sua técnica e habilidade para um universo maior de skatistas que não só aqueles do seu “pedaço”. Isto faz com que, se as políticas públicas constroem o ponto, o skatista produza a linha; onde ele irá tomar o “espaço urbano como um sonho de pedra que liberta o homem do fechamento” [Maffesoli, 2001: p.99].

30 Desta forma, o skatista tem um desejo de evasão que se configura como a procura pelo ‘eldorado’, símbolo da busca sem fim, da prática de um ‘Corpo sem Órgãos’ “[...] que faz com que a fronteira seja sempre adiada, a fim de que essa aventura possa prosseguir” [Maffesoli, 2001: p. 41].

31 Logo, uma nova cartografia é traçada a partir de um “enraizamento dinâmico” que possui um duplo movimento, indicando tanto o seu lugar ‘original’, como o seu além; a pista, sob este prisma, aparece como o refúgio onde se idealiza a projeção para fora de suas fronteiras [Maffesoli, 2001: p. 2001]. Contudo, é importante ressaltar que com a existência de diferentes *skateparks* nas regiões mais afastadas da capital exercendo a função de atração e gravitação, em muitos casos o movimento do skatista - ao praticar trajetos nômades - será mais estratégico, ligando um ponto ao outro, embora estes pontos se configurem mais como uma alternativa do que como uma determinação, pois como afirmam Gilles Deleuze e Félix Guattari:

O nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto ao outro, não ignora os pontos [...] ainda que os pontos determinem os trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam, ao contrário do que acontece com o sedentário [...] todo ponto é uma alternância e só existe como alternância [Deleuze & Guattari, 1997b: p. 50 – 51].

32 Neste sentido, os “circuitos” traçados pelos skatistas, embora partam de um “ponto - árvore”, os movimentos executados não buscam a raiz, mas, acima de tudo, seguir o canal, ou seja, experimentar novos picos; seu objetivo - mais do que permanecer na pista - é o de atravessar, provar uma multiplicidade de espaços sem se prender a uma geometria rígida que vise subordinar a trajetória nômade de superar-se a si mesmo e de produzir agenciamentos frente à determinação espacial da pista. Com isso, o skatista, neste movimento, executa uma implosão do ponto de modo a produzir uma multiplicidade de linhas; movimento este que fará com que:

Os caules de rizoma não parem de surgir das árvores; as massas e os fluxos escapam constantemente, inventam conexões que saltam de árvores em árvores e que desenraizam (mesmo que por instantes): Todo um alisamento do espaço, que por sua vez reage sobre o espaço estriado. Mesmo e, sobretudo, os territórios (‘pedaços’) são agitados por esses profundos movimentos [Deleuze & Guattari, 1997b: p. 221].

33 Portanto, esta nova cartografia faz com o skatista se desloque pela cidade "de quebrada para quebrada", ora se arborificando como um modo de afirmar sua filiação (um localismo) a um determinado “pedaço”, ora realizando um movimento rizomático como uma forma de estabelecer alianças e construir agenciamentos para que possa escoar seus excessos; para que isto ocorra, bastará ao skatista “ajustar a vestimenta e a própria casa ao espaço exterior, ao espaço liso aberto onde o corpo se move” [Deleuze & Guattari, 1997b: p. 181].

---

## BIBLIOGRAFIA

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Editora 34/ Duas cidades, 2000.

- CLASTRES, Pierre. *Crônica dos índios Guayaki: o que sabem os Aché, caçadores nômades do Paraguai*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia*, vol. I. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia*, vol. III. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia*, vol. IV. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia*, vol. V. São Paulo: Editora 34, 1997b.
- FAUSTO, Carlos. *Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- HERSCHMANN, Micael. *O Funk e o Hip-Hop invadem a cena: globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. *Nomadismo; vagabundagens pós-modernas*. São Paulo: Record, 2001.
- MAGNANI, José Guilherme (org.) *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- MAGNANI, José Guilherme. "De perto e de dentro: nota para uma etnografia urbana". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº49. São Paulo: ANPOCS, 2002.
- PEREIRA, Alexandre. *De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo*. Dissertação de Mestrado defendida no Departamento de Antropologia Social da USP, 2005.
- RANCIERE, Jacques. *O desentendimento*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- TOLEDO, Luis Henrique. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/ ANPOCS, 1996.
- VELHO, Gilberto. (org.) *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

## NOTAS

1. O Banks é um obstáculo presente exclusivamente em skateparks, cujo formato básico assemelha-se a uma banheira.
2. Street é a modalidade praticada, em especial, nas ruas.
3. Vertical é a modalidade praticada em half-pipes (obstáculo em formato de um "U").
4. Truck é o eixo metálico preso ao shape.
5. Shape é a tábua onde o skatista coloca os pés; conhecida, também, como deck.
6. Downhill é a modalidade praticada em ladeiras.
7. Linha é o conjunto de manobras executado em seqüência pelo skatista.
8. Flip é a manobra em que o skate gira 360º em torno do seu próprio eixo.
9. Session (ou sessão) é como os skatistas chamam o ato de andar de skate.

---

## AUTOR

**MAURICIO BACIC OLIC**

Mestrando em Ciências Sociais - PUCSP